



XIII ARTE MÉDICA

XIII ARTE MÉDICA acolhe obras de mais de 60 médicos

Nunca tantos médicos tinham exposto em simultâneo na Arte Médica. Com cada artista a contribuir em média com duas obras, o saldo desta exposição foi muito positivo, não só pelos números mas pela riqueza do conjunto que reuniu “técnicas diversas, motivos diferentes e interpretações originais”.

Texto Inês Ferreira • Fotografia Digireport



Desenho, pintura em acrílico, seda, tinta da china, aguarela, óleo, técnica mista, lápis pastel, cerâmica, fotografia, platinotipia, livros, CD, joalheria e esculturas, até em material ortopédico.

Entre os dias 8 e 28 de maio, cerca de 120 obras da autoria de mais de 60 médicos – número recorde de participantes – preencheram as paredes do Centro de Cultura e Congressos da Secção Regional do Norte da Ordem dos Médicos, dando vida à XIII Arte Médica.

Nas palavras de Levi Guerra, que há 35 anos se dedica à pintura e participa nesta exposição há muitos anos, reuniu-se “um conjunto de belas obras” com “técnicas diversas, motivos diferentes e interpretações originais”.

“É muito bom ver toda uma geração tão interessada na arte”, afirmou o médico que assina pinturas como ‘Primavera em S. Julião’ e que confessou ter retratado nas obras expostas a “contemplação da natureza” e “simbologia do encontro humano”.

“A vida médica é muito apelativa, pelo contacto com a pessoa humana e pelo mistério que envolve a área, sendo necessário abordar e explorar, apesar de ter sempre uma base de preparação e conhecimento”, defendeu, estabelecendo então o paralelo com a arte: “Penso que esta atividade reflexiva permanente, interpelativa, de busca, se adapta muito bem àquilo que a própria arte pede para lá da técnica: a imaginação, capacidade de improvisar e também de realizar”, concretizou.

Também Ana Maria Antunes, que pinta por gosto e já expõe desde 2006, considerou a Arte Médica “uma iniciativa muito interessante”. “Nós temos uma via diferente, resultado da nossa formação médica, e acho que isso é importante”, confessou a autora de ‘Passeando no Parque’ e ‘No Balanço’.

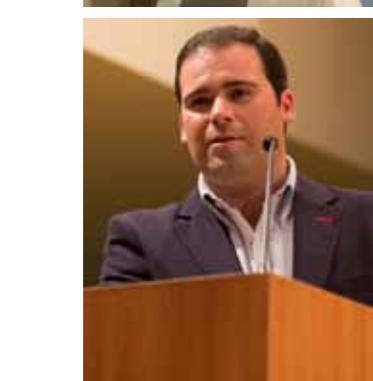
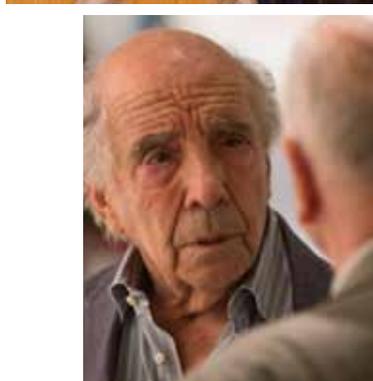
Ideia partilhada por Mário Justino Pinto Teixeira, que sem interrupções expõe desde o início desta iniciativa e que este ano viu as suas duas obras – ‘Flores e Jarra’ e ‘Pavão Real em Pose’ – enaltecerem as laterais da entrada do Centro de Cultura e Congressos. “A beleza é a coisa mais fantástica deste mundo, e de facto o sentimento da cor e contraste dos tons, das sombras, da luz fazem com que as pessoas parem para olhar e apreciar”, afirmou.

No encerramento e entrega das medalhas, no dia 28 de maio, André Luís – em representação da organização – aproveitou para deixar uma palavra de homenagem a Amílcar Ribeiro, “uma das pessoas da direção do Conselho Regional mais empenhadas nas atividades culturais da Ordem, em especial na Arte Médica”. Distribuídas as medalhas, houve ainda tempo para um momento de convívio final, acompanhado por um Porto de Honra. ■

“

É muito bom ver toda uma geração tão interessada na arte”

Levi Guerra





VII ARTE FOTOGRAFICA

ARTE FOTOGRAFICA: Uma paixão comum entre médicos

Depois da Arte Médica, foi a VII Arte Fotográfica que veio trazer cor ao Centro de Cultura e Congressos da SRNOM, com algumas imagens “dignas de serem expostas nas grandes galerias do Porto”.

Texto Inês Ferreira • Fotografia Digireport

Cerca de 30 médicos, com motivos, emoções, perspetivas e técnicas diferentes deram forma a mais uma edição da Arte Fotográfica, evento promovido pela Comissão de Atividades Culturais e de Lazer da SRNOM, que contou com quase 60 obras expostas entre 5 e 19 de junho.

Maria Alexandra Abrunhosa fotografa há bastantes anos mas nunca tinha exposto as suas fotografias, pelo que a sua participação foi uma estreia. Para a VII Arte Fotográfica, a médica de Medicina Geral e Familiar trouxe-nos borboletas de espécies diferentes, criadas por si, “fotografadas com minutos de vida e depois libertadas”, que deram origem às obras “Por ti nasci, de ti parti”. Maria Alexandra confessou-nos que após a reforma deseja “tornar a fotografia um hobby a tempo inteiro” e que pode estar para breve uma exposição individual na SRNOM, onde dará a conhecer as várias facetas que explora na fotografia.

A FOTOGRAFIA É UMA PAIXÃO, UMA FORMA DE FUGIR À ROTINA

A médica com especial gosto pela macrofotografia contou-nos também que, tal como a paixão pela fotografia e pela medicina, herdou do seu pai o gosto pela natureza e pelas paisagens rurais: “Fujo um bocadinho ao urbano, à rotina diabólica do dia a dia da medicina. É uma forma de me libertar da pressão da área, dos minutos contados... aqui não há minutos, não há horas, não há tempo, o tempo desaparece quando estamos na natureza”. Apesar do seu pai, Francisco Rogério Gomes Abrunhosa, ter falecido há já quase dez anos, a pedido da esposa e da filha, teve também duas fotografias expostas, “diretamente da parede de casa para ali”.

Também Manuel Cabral Villas Boas teve duas fotografias em exposição, realizadas com máquina analógica: “Outono da Vida” e “Inverno na Vinha”. O médico que diz “não saber nada sobre fotografia” mas ter “um jeito instintivo para enquadrar”, falou-nos um pouco sobre as suas obras, que retratam um senhor com feições de tristeza à porta da missa e uma paisagem de vinha que, no seu entender, mais parece “o fim de uma guerra de trincheiras”.

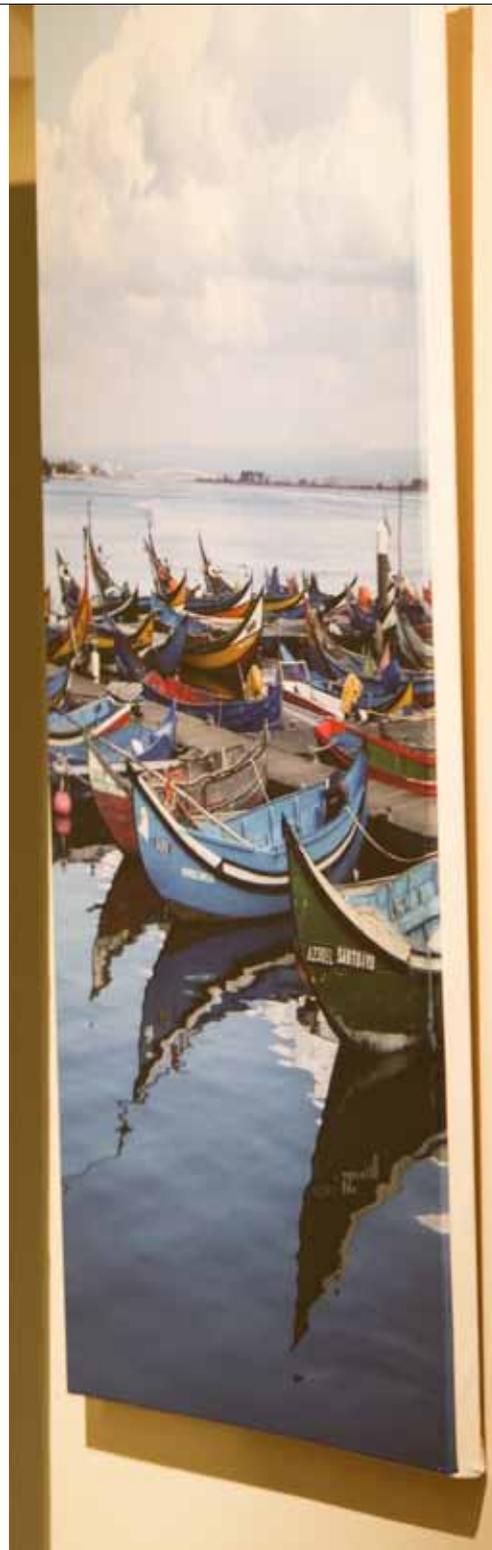
Do rural para o cidadão, Maria Eugénia Ascensão, que participa desde o início nesta iniciativa e também expôs na Arte Médica, contribuiu igualmente com duas fotografias para esta edição, onde os detalhes falam por si. “Fragmentos” foi tirada



numa casa abandonada perto da ponte D. Luís, do lado de Gaia, como quem desce para o rio: “Entrei lá e apareceu esta janela toda deteriorada com os vidros partidos, teias de aranha, achei-lhe muita graça... aparecem fragmentos da Ponte D. Luís, daí o nome, o tabuleiro superior, o arco, o tabuleiro inferior e um dos pilares de granito da ponte... E lá no cimo, do lado esquerdo, surge o parque do Palácio Episcopal e a Sé”. Já a outra obra, “Promessas de amor”, foi obtida na Serra do Pilar, onde se copia uma moda de fora, em que os apaixonados colocam os aloquetes como promessas de amor, com o Douro desfocado por trás e ainda com um laço cor-de-rosa, que por não ter um significado tão direto “torna a fotografia ainda mais atraente”.

O presidente do CRNOM, Miguel Guimarães, também contribuiu para a exposição com fotografias que nos transportam para diferentes pontos do globo. Uma que a partir da dança nupcial de duas aves nos leva às Ilhas Galápagos, “o sítio mais inóspito do mundo para visitar, onde os animais não têm medo das pessoas”. Na outra somos levados até Christchurch, na Nova Zelândia, onde escolheu retratar um colorido azulejo pintado por crianças “que não deixa ninguém indiferente”. De acordo com o dirigente da SRNOM, a exposição

contou com “trabalhos de grande qualidade, com um toque artístico”, que modestamente confessou não ser o seu caso, que “apenas trouxe registos de viagem”. “A Arte Fotográfica tem melhorado de ano para ano, algumas fotografias podiam bem estar expostas em algumas das grandes galerias profissionais da cidade do Porto”, sublinhou Miguel Guimarães.



EM DEBATE: Fotografia nos tempos de hoje

No encerramento da VII Arte Fotográfica levantaram-se questões polémicas, dignas de reflexão.

A primeira intervenção coube a António Paes Cardoso, que teceu “considerações sobre a fotografia na atualidade”. O médico pioneiro no desenvolvimento de atividades ligadas à fotografia na SRNOM



começou por recorrer a Henri Cartier Bresson para afirmar que “fotografar é colocar na mesma linha de mira a cabeça, o olho e o coração”. Face à democratização da fotografia, Paes Cardoso considerou importante distinguir o que é ser fotógrafo de “tirar fotografias”, suportando-se em Jacques Attali para dizer que “o artista utiliza caminhos desconhecidos e serve-se de técnicas novas” para “saborear o mundo de forma diferente daquela que outros, antes de si, haviam proposto”, tendo como finalidade “emocionar, sensibilizar, educar”.

SERÁ A FOTOMANIPULAÇÃO UM ATO DESONESTO?

Já José Ramada debruçou-se sobre os “equilíbrios e desequilíbrios” da manipulação da imagem, recordando que esta “é tão antiga quanto a fotografia”. O orador centrou-se no entanto na fotomanipulação digital que representou, segundo o mesmo, “uma evolução galopante”, seja no retoque técnico ou criativo. A este propósito, José Ramada levantou a questão da possível desonestidade na manipulação da imagem e apelou à reflexão sobre a razão que nos leva a fazê-lo. O médico defendeu que “tudo depende do propósito”, sendo que, a seu ver, a manipulação pode ser honesta desde que se assuma: “O importante é não aceitar que uma imagem ficcionada seja apresentada como uma verdade que não é”, concluiu.

Antes de abrir o espaço de intervenção à assistência, a artista Susana Ribeiro falou sobre as “sincronias e antagonismos” entre a pintura e a fotografia, lembrando que a segunda trouxe profundas alterações à primeira. Do seu depoimento sobressaiu a ideia

de a fotografia ter vindo roubar à pintura a missão exclusiva de perpetuar, com uma reprodução fiel, um dado momento, obrigando-a inovar para estilos que se opõem ao realismo, nomeadamente o impressionismo. A pintora salientou também que a

“

O conceito de fotografar é em si próprio uma manipulação.

JOSÉ RAMADA



espaço de intervenção para lembrar que “houve sempre quem quisesse fazer experimentações”, dando como exemplo a antiga utilização da meia de vidro como forma de baixar os contrastes.

VII Workshop de Fotografia: Fotografar à noite, um desafio

A 17 de junho o fotógrafo profissional José Maria Barroso, que tem apoiado os workshops de fotografia no terreno, aprofundou numa sessão teórica os princípios e práticas a ter em conta quando se faz fotografia noturna, “um desafio”, de acordo com o moderador José Ramada.

Neste workshop foram aprofundados conceitos determinantes desta modalidade tais como o tripé, ISO, velocidade, medição de luz, reciprocidade, balanço de brancos, ruído e temperatura de cor. Os efeitos possíveis foram outros temas abordados, tendo o formador sublinhado a grande variedade existente e a necessidade de sermos criativos. “Na fotografia noturna não há regras, há que brincar com tudo”, complementou José Ramada.

Terminada a exposição do convidado, houve espaço para esclarecer dúvidas e colocar questões ligadas à temática, como a estabilidade e vibração da máquina aquando da utilização de temporizador.

No final da sessão, após uma pausa para jantar, foi tempo de se apresentarem e apreciarem as fotografias enviadas pelos inscritos.

CURSO DE FOTOGRAFIA

Durante o workshop, José Ramada e António Paes Cardoso deram a conhecer a intenção da Comissão de Atividades Culturais e de Lazer da SRNOM de organizar o 1.º Curso de Fotografia, uma novidade a decorrer em 2016. ■

fotografia viu dificultado o acesso ao estatuto artístico, sendo que muitos rejeitavam que fotografar fosse mais do que registar objetivamente a realidade, e por isso que implicasse interpretação e juízo criativo. Da assistência, as opiniões vieram a propósito da questão da manipulação. Raul Machado Monteiro, um dos médicos com obras em exposição, defendeu que “a fotografia pode ser manipulada mas apenas pelo próprio, só assim se conseguem boas fotografias”. Também o fotógrafo e formador José Barroso aproveitou o